

Editorial

Em meio da racionalidade acadêmica será que há espaço para falar de sonhos? Na verdade, a aparente racionalidade só existe por conta dos sonhos. Sonhos individuais/pessoais e sonhos coletivos que pavimentam o caminho e guiam os autores coletivos na construção de histórias. Uma dessas histórias é a do mestrado em Biociências e Saúde, que revela e materializa sonhos. Desafia cotidianamente seus autores a construir a interdisciplinaridade e a costurar as ciências. Mas esta costura só tem sido possível pelos fios de afetos, respeito, disciplina e esforços coletivos que não se explicam pela racionalidade, mas pelos sonhos.

Como resultado da construção dos sonhos completa, a Revista Varia Scientia - Ciências da Saúde, o seu segundo ano. Produzir e divulgar o conhecimento tem se constituído num dos principais desafios das instituições de educação superior, em especial dos programas de pós-graduação *Stricto Sensu*, especialmente pressionados pelos quantitativos que consolidem, mantenham os níveis ou permitam a sua continuidade. Em que pese esta urgência, os periódicos novos enfrentam o desafio de qualificar suas publicações, haja vista, a busca dos autores por veículos consolidados e que tenham visibilidade acadêmica deixando, a posteriori, o envio de seus manuscritos para veículos em vias de constituição. Assim, completar dois anos, mantendo a periodicidade, com certeza é uma vitória que precisa ser comemorada. Construir este sonho é um desafio cotidiano e que exige persistência e clareza de que o tempo e a competência coletiva nos colocará no rol dos periódicos de boa qualidade.

É nesta direção que oferecemos ao público o segundo número do segundo volume da Revista Varia Scientia - Ciências da Saúde que mantém como linha central, a divulgação de manuscritos dos diversos temas da área da saúde e áreas afins guiada pela interdisciplinaridade que se revela, de forma inequívoca, quando o conhecimento é produzido.

Uma obra de arte é realmente uma “realização” em sentido artístico e jamais uma obra de arte subsequente a torna obsoleta. Cada qual pode apreciar de maneira diversa o significado que ela tem para si próprio, mas ninguém poderá jamais dizer, de uma dada obra que seja uma “realização” em sentido artístico, que tenha sido “ultrapassada” por outra que seja do mesmo modo uma “realização”. Em contraposição a isso, todo cientista sabe que o que ele realiza estará fora desatualizado dentro de dez, vinte ou cinquenta anos. Cada “realização” científica levanta novos “problemas” e terá de ser “ultrapassada” e de se tornar obsoleta. Este é o destino – e, de fato, o significado da obra científica, a isso ela se submete e se dedica. Isto a distingue de todas as demais esferas da cultura que também exigem submissão e dedicação^{2:148}.

Daí a importância de veículos de divulgação do conhecimento para que ele possa ser contestado, avaliado e superado cumprindo a “vocação” humana de sempre se colocar novas perguntas quando encontra novas respostas.

¹ Doutora em Educação. Professora Associada na Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Editora da Revista Varia Scientia – Ciências da Saúde.

² Weber, M. Sobre a universidade: o poder do Estado e a dignidade da profissão acadêmica. São Paulo: Cortez; 1989.